

*Histórias de
Amor e Erotismo*



Gustavo Gollo

**EDITORA
VIRTUAL**

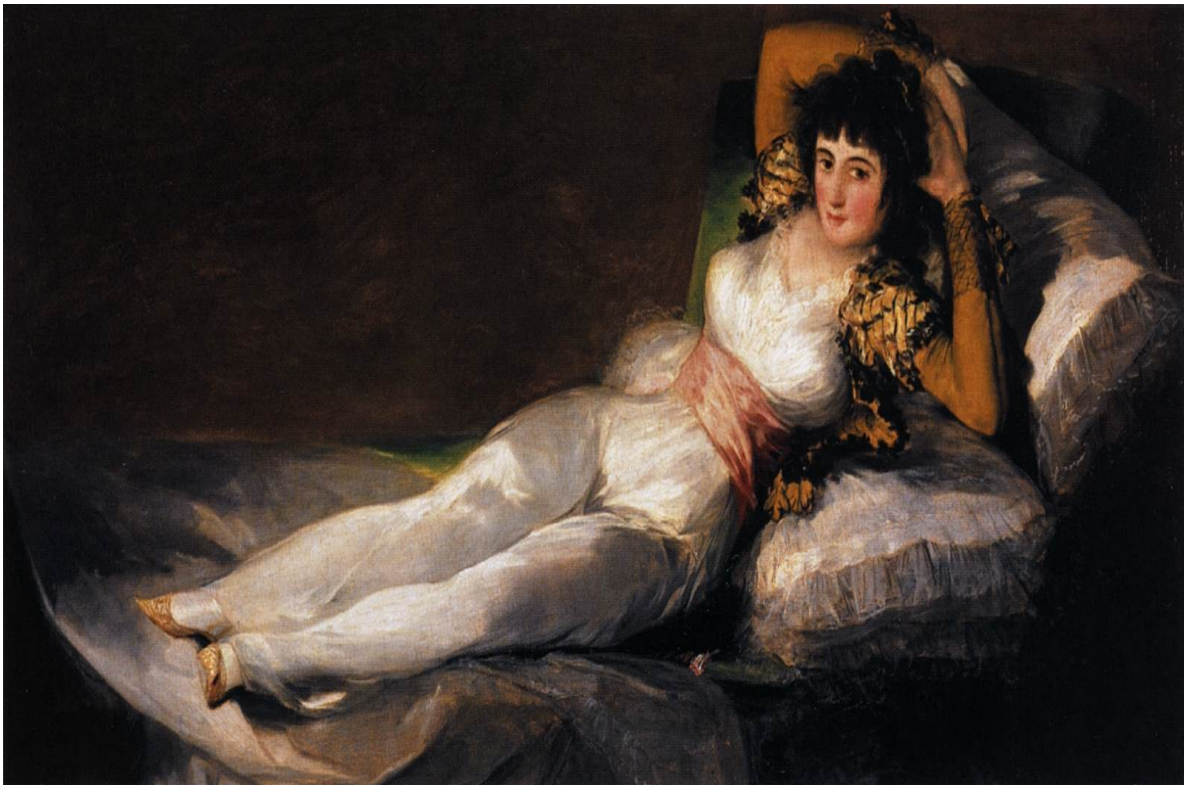
Histórias de Amor e Erotismo

Gustavo Gollo

Dedicado a Vanessa

Capa: escritaedesign@hotmail.com
La Maja Desnuda, de Francisco Goya

A Maja vestida



Reeditado em fevereiro de 2013.

Índice

Júlia.....	5
Rebuceteio.....	14
Maria Clara.....	16
A psicanalista	19
Daniela e Bia	20
Na praia.....	28
Delírio na academia de ginástica.....	30
Juliana.....	35
As deliciosas bocetinhas recheadas.....	39
Um suspiro de amor.....	41
Gabriele	42
Sinfonia crescente.....	46
Nathalia.....	48
A penetra	50
A escritora.....	52
Nath	57
Édipo e Jocasta.....	57
Letícia	60
O Pintor.....	64
Clíssia.....	70
A verdadeira história de Chapeuzinho Vermelho.....	76
Sobre o olhar de Carmem.....	78
Vanessa.....	79

Júlia

A imagem de Júlia me encantou desde a primeira visão. Tinha um olhar forte e resoluto, sumamente sedutor, em um rosto lindo, só posteriormente, quando ela mesma me chamou a atenção para o fato, percebi nela os traços de menina impostos pelos seus dezesseis anos. Assim, de início a tratei como mulher, hipnotizado pela visão de uma imagem em um quadradinho na tela do computador. Depois que distingui seus traços juvenis, no entanto, não pude mais deixar de vê-los, mas tal visão somente adicionou mais fascínio ao encantamento prévio, deixando-me então duplamente enfeitiçado, pela menina e pela mulher.

Conhecemo-nos em meio a uma coincidência extraordinária. Eu acabara de pegar um texto para mostrar a outra pessoa quando ela surgiu, dizendo reescrever contos de fadas sob roupagem erótica, exatamente o tema do pequeno conto que eu tinha em mãos. O acaso favoreceu uma empatia imediata; logo conversávamos com franca intimidade, trocando endereço eletrônico; no mesmo dia pude contemplar a bela imagem da moça. Desde o primeiro olhar ela me encantou.

No dia seguinte conversamos por um longo tempo, e eu já estava completamente embevecido por Júlia quando ela resolveu me mostrar partes do corpo, me levando a um estado de excitação quase indescritível. Uma sensação de afogamento me assaltava, tomava conta de mim, mas de uma maneira deliciosa. Minha respiração profundamente conturbada se desenvolvia afobadamente, sem ritmo, aos borbotões, como se eu estivesse sendo tragado por vagas potentes, e apesar disso eu me deliciava com a sensação, como se hipnotizado, como se amarrado por teias invisíveis e inescapáveis.

Nos outros dias que se seguiram a sensação de opressão, de ausência de ritmo na respiração aumentou ainda mais, tanto quanto a área do corpo revelada pela menina.

Difícil compreender certas idiossincrasias. Vou à praia diariamente há anos e lá observo milhares de jovens desnudas quase todos os dias, mesmo assim a imagem de Júlia de calcinha em um quadradinho me roubava a razão por completo, embora vestindo um casaco puxado para cima, deixando a barriga sensual à mostra. O que me impressionava, de fato, o que eliminava toda a minha razão fazendo eu me comportar como um símio, era simplesmente a visão da menina de calcinha, o mesmo que eu via quase todos os dias. Lembro, no entanto, de sua pele luminosa, de sua brancura reluzente e intensa contrastando com a calcinha preta, das curvas sinuosas reveladas de maneira sensual; da bundinha entrevista apenas de perfil, dos movimentos leves e deliciosos, naturalmente sensuais, sem nenhuma malícia, sem nenhuma técnica, pouquíssimo treinamento.

No dia seguinte ela me mostrou os peitos, bem voluptuosos, suculentos, ostentando uma auréola grande, rosada e sumamente apetitosa. A palavra justa, aliás, era precisamente essa: “apetitosa”. Os peitões que a menina me oferecia à distância eram um convite ao deleite, provocavam uma enorme ânsia, um desejo imenso de sorver-lhe, de sugar-lhe inteira por ali. Os seios deliciosos insistiam em se separar um do outro, ansiando por mais espaço, insubordinando-se contra a contenção a que

vinham se sujeitando. Uma vez libertos se impunham, se espalhavam recusando-se sujeitar a qualquer opressão, embora a moça os comprimisse, mais por timidez que por tesão, creio.

Também alucinei vendo apenas sua cintura, seu umbigo no centro de um violão sensualíssimo e de curvas enlouquecedoras. Já me encontrava fora de mim quando a menina resolveu mostrar a bocetinha; abaixando as calças, deitada, revelou-me uma boceta deliciosa. Confesso ter ficado tão ensandecido que acabei perdendo todo o registro da maravilhosa imagem, que, lembro, me alucinou ao extremo. Acredito ter sido algum excesso que me impediu registrar a imagem extraordinária, como se uma embriaguez estupenda houvesse me roubado a memória.

Em nossas conversas posteriores disse achar que os peitinhos devem se insinuar discretamente a princípio, ganhando espaço vagarosamente, roubando a cena aos poucos até se imporem magnânimos. Do mesmo modo o corpo não deve se expor de uma vez, deve ameaçar, mostrando-se vagarosamente, revelando-se aos poucos, estendendo o suspense o maior tempo possível, roubando a razão do expectador, conturbando-lhe a mente, enlouquecendo a vítima por completo, até a suprema embriaguez. Quanto à boceta, protagonista do espetáculo, a meu ver, deve ser guardada para o final, revelando-se em um momento mágico, produzindo alucinação derradeira e contundente.

Tendo passado dias inteiros pensando na gostosinha, uma imagem, mais que todas as outras me surpreendia, ou melhor, um desejo. Ansiava ver Júlia de quatro, com a bunda arrebitada, piscando o cu para mim. O que me espantava em tal desejo não era a ideia em si, mas o fato de que nunca antes tinha desejado algo análogo; lembrava inclusive de situações passadas em que outras moças me tinham oferecido contemplar paisagem análoga, proposta sempre declinada por mim. Assim, me surpreendia o desejo, revelador de uma alteração em meus anseios eróticos. Também ficava imaginando a boceta de Júlia vista do mesmo ângulo, e lhe pedi para posar dessa maneira; respondeu com risos à proposta.

Depois de ter visto a boceta deliciosa fiquei absolutamente cativo, buscando a visão da moça continuamente, se é que já não o estivesse antes. Além da imagem na tela, obviamente, desejava tê-la em minha frente, mirá-la, pegá-la, agarrá-la loucamente, beijá-la, e tudo o mais com que a imaginação permite sonhar. A moça, no entanto, tirou-me o sossego; pensava nela durante o tempo todo, até a hora de dormir, quando ia para cama pensando nela, desejando-a, sonhando com as mais sensuais situações. Acordava pensando na menina, arquitetando situações excitantes com ela, mas me incomodava não conseguir tirá-la na cabeça em nenhum momento; Júlia roubava minha atenção constantemente, não permitindo que eu escrevesse, lesse, impossibilitando-me qualquer atividade que exigisse o mínimo grau de concentração.

Foi nesse estado que comecei a escrever uma história erótica envolvendo nós dois, único tema em que minha concentração conseguia se manter. Tinha em mente um propósito múltiplo: roubar a atenção da moça, combinando escrever conjuntamente a mesma história, e sair da inatividade, executando a única tarefa em que me era permitido me concentrar, e, mais que tudo, planejando incutir na mente da menina o desejo de vivenciar a história proposta. Foi, de fato, com esse espírito, que eu mergulhei na escrita de uma história incompleta, de um começo a ser continuado pela bela jovem que me alucinava. Tendo escrito o início de uma história, enviei-lhe o texto à espera de sua continuação.

A resposta chegou rápida, mas muito brevemente, sem conter a continuação combinada, mas prometendo encontrar novas “maneiras para te seduzir, te encantar, te alucinar”, como se tudo isso já não acontecesse todas as vezes que eu via a moça enquadrada na tela. De fato, no entanto, ela aperfeiçoava rapidamente suas artes de sedução, uma exibição, em especial, me enlouquecia. Trajando uma camiseta sem manga, Júlia puxava a roupa para baixo, estreitando a alça da blusa, e promovendo um embate extraordinário entre a roupa e seus peitinhos. A alça estreita comprimia e arredondava os peitinhos maravilhosos que se insubordinavam ante a tirania da roupa, buscando a liberdade. A contenda prosseguia sob o meu olhar ávido, enquanto eu torcia fervorosamente pelos peitinhos. As alças, criaturas malvadas, insistiam em reprimir, em atar os belíssimos seios realçados pela compressão, enquanto os peitinhos arfavam, lutavam até que um deles obtivesse êxito, libertando um biquinho rosado e, acreditava, tão ávido quanto eu. A vitória era fugaz, no entanto; o biquinho pulsava livremente apenas por alguns segundos, quando a alça malvada o capturava novamente, comprimindo-o em uma bolinha deliciosa, apetitosíssima, reiniciando a pugna sucessivamente, sem que nenhuma das partes admitisse a derrota, sempre sob minha torcida enlouquecida pela libertação dos peitinhos maravilhosos.

Do mesmo modo que os seios já não se revelavam de uma vez, mas se insinuavam sedutores, ameaçando revelarem-se, e só o fazendo aos poucos, e fugazmente, também a boceta passou a simular uma pudicícia aparente, revelando-se vagarosamente, sem os modos infantis e quase escandalosos com que a molequinha a expunha inicialmente; com uma sensualidade velada, tão menos explícita quanto mais contundente, a moça me deixava entrever uma boceta succulenta que eu contemplava sofregamente, alucinadamente, e assim se passavam os nossos dias, ao mesmo tempo em que comecei a escrever uma história com o intuito explícito de atijar a moça ao extremo, de enlouquecê-la, de incutir nela um desejo invencível até que ela me chamasse para agarrá-la consubstanciando finalmente todos os nossos sonhos.

* * *

Júlia era virgem, e se excitava muito fortemente com sugestões violentas e dolorosas; a expectativa de um estupro incitava nela uma forte curiosidade, mais que isso, um desejo, uma ânsia em viver situação tão sonhada. Assim, Júlia ambicionava fortemente ser estuprada, se deliciava com tal possibilidade. Com base nisso, combinamos de eu deixar a chave de meu apartamento sob o tapete da porta por onde ela entraria.

Apesar de ser uma menina decidida e corajosa, no alto de seus dezesseis anos, sendo menor de idade, e morando em outro estado, não acreditei que viesse. A combinação, portanto, era muito mais uma brincadeira que um acerto. Apesar disso, cumpri o combinado deixando a chave onde deveria, mas não saí do apartamento, conforme prometido. Para minha surpresa, no entanto, na hora marcada ouvi um barulho de chaves testando a fechadura. Tentei de me esconder no armário do quarto.

Tendo retirado a prateleira única, entrei no armário, de onde observei, pela pequena fresta deixada na porta entreaberta, Júlia entrando no quarto e inspecionando tudo com curiosidade. Permaneci oculto enquanto ela saiu do quarto, e depois de ouvir barulho no banheiro, observei a menina retornando ao cômodo. Ela estava em

frente à cama, de costas para mim, quando deixei o armário silenciosamente e me acerquei dela. Puxei-a bruscamente pelos ombros jogando-a para um lado e para outro, enquanto rosnava para ela com uma voz que eu mesmo desconhecia e que assustava até a mim mesmo: vai aprender a não entrar nunca mais assim na casa dos outros!

Júlia deu um grito de susto e virou o rosto tentando me ver, mas permaneci às suas costas impossibilitando que me mirasse. Era uma moça bem grande, de um metro e setenta e um centímetros, e encorpada o suficiente para ser considerada uma gostosa, mas como eu vinha me exercitando havia longo tempo, não tive dificuldade em controlar seus movimentos impossibilitando-a de fixar os olhos em meu rosto.

Na mesma sequência de movimentos sentei-me na cama colocando-a de braços sobre os meus joelhos:

— Vai levar umas palmadas para aprender! Desabotoa a calça!

Quando ela tentou olhar para mim segurei seus cabelos levantando sua cabeça posicionando-a de frente para a parede.

— Desabotoa logo! Disse explodindo-lhe uma palmada na bunda.

A gostosa desabotoou e abaixou a calça obedientemente, desnudando uma bundinha branca, luminosa e radiante que superava em muito a visão que eu conhecia pela tela do computador. Tive uma vontade enorme de acariciar aquela bundinha lindinha, as coxas grossas dobradas, mas me mantive fiel a meu papel; dei-lhe uma palmada sonora em uma das nádegas, e logo uma na outra, para equilibrar. A vermelhidão surgida instantaneamente me causou curiosidade e um desejo de beijar a bundinha ali, como se servida de bandeja. Apesar do carinho que sentia, apliquei-lhe um beliscão bem forte, torcendo os dedos na bunda gostosa, e dizendo com a mesma voz irreconhecível, rouca e grave:

— E quem mandou ser tão gostosa? Já te falei para parar de ficar me tentando! Agora vai ver!

Tasquei-lhe uma nova palmada antes de beliscar a outra nádega apertando-lhe a bunda com os quatro dedos comprimindo sobre a palma da mão, e torcendo, enquanto mantinha sua longa e bela cabeleira como rédea, controlando sua cabeça e olhar.

Mordi-lhe a bunda! Nova palmada.

— Gostosa!

Minha voz continuava me surpreendendo, minhas palavras me causavam forte estranheza, mas a visão da gostosa à minha frente me impedia pensar qualquer coisa com clareza. Tirei toda a sua calça que permanecia abaixada até as pernas. Durante a ação aproveitei para passar minha mão e braço pelas pernas e coxas da gostosa, me encostando também na bunda reluzente, agora bastante avermelhada.

Peladinha da cintura para baixo, percorri minha mão por entre as coxas da gostosa, subindo até a boceta molhada, sentindo sua umidade. Apertei a boceta carnuda molhando minha mão em seu líquido para aplicar com ela uma lambada ainda mais sonora na bunda.

— Está querendo dar, não é, sua gostosa? Tira a blusa!

Permiti que ela se libertasse um pouco para tirar a blusa, e a conduzi para a cama.

— Fica de quatro, gostosa, vai levar no rabo para aprender.

E ainda conduzindo as rédeas ajeitei-a em uma posição de quatro, com a bundinha bem arrebitada, os pés na altura do final da cama. Contemplei o belíssimo

corpo sensual, os peitões pendentes ampliados pela postura, a boceta entrevista pela abertura das pernas, a cintura fina e delineada tornada ainda mais bela pela posição.

Puxei as rédeas ainda mais, levantando a cabeça, arqueando a coluna e arrebitando o rabinho sensual. Coloquei o dedo no cu da gostosa, que parecia querer me engolir abrindo-se e fechando-se. Tirei meu pau duro da calça e apliquei com ele umas bofetadas em seu rosto. Bati com o caralho em uma de suas faces, e como ela tentasse olhar para o bicho esbofeteei-lhe novamente com a coisa.

— Sua gostosa, olha o que você vai levar! Dizia enquanto esbofeteava-lhe o rosto de um lado para o outro com o caralho. — Pofpofpóf!, soou a saraivada de bofetadas sucessivas.

Acertei, sem querer, a boca da gostosa, causando uma inchação no lábio, o que me desagradou. A gostosa era muito lindinha, e o lábio inchado reduzia sua beleza. Passei o pau duro carinhosamente sobre o lábio inchado, a título de remédio. Aproveitei para introduzir brevemente a cabeça do pau em sua boca.

— Chupa esse caralho, gostosa!

Ela chupou, não apenas obediente, mas ávida; curiosa e gulosa também; nunca tinha segurado um pau.

Ainda sem permitir que me olhasse, tornei para trás da gostosa que se mantinha com o rabo arrebitado. Ao mesmo tempo em que apertava o pau duro na bundinha gostosa, comprimi o ombro da moça até o colchão. Ajeitei a posição da menina, tornando-a o mais apetitosa possível, e só então soltei seu cabelo, para segurar ambas as nádegas com as mãos. Enfiar-lhe a cabeça do pau, o que a fez fechar os olhos e comprimir o corpo.

— Agora deixa eu enfiar, gostosa! E fui enfiando-lhe o caralho.

Quando o pescoço do bicho começou a entrar a menina tremeu, e gritou pela primeira vez depois do susto inicial:

— Ai, tá doendo muito...

Pá! Estalei-lhe uma sonora lambada no lombo.

— Quieta gostosa! Não sabia que isso ia doer? Agora aguenta que vou botar no seu rabo!

A gostosinha fez que sim com a cabeça, os olhos comprimidos pela dor, e eu me enterneci pela obediência da menina, mas não a ponto de aliviar a coisa, ao contrário, tratei de pressionar o pau duro com mais intensidade no rabo da menina.

A gostosa gemia ainda mais, ofereci-lhe um travesseiro:

— Morde isso, gostosa, que eu vou te enfiar o caralho! Morde bem que você vai tomar no rabo!

A gostosinha mordia, rosnava e gemia enquanto eu ia enfiando o pau duro vagarosamente em seu rabinho.

— Chega, tá doendo muito...

Abaixei-me sobre ela e mordi o ombro da menina, controlando seus gritos ao aumentar a intensidade das mordidas que aplicava em seu ombro e pescoço, ao mesmo tempo em que rosnava palavras talvez incompreensíveis:

— Cala a boca, gostosa, abre esse rabo para eu me enfiar inteirinho em você! Quero me enfiar esse caralho inteiro dentro de você, gostosa, da sua bunda!

Enfiava vagarosamente, tentando ampliar e manter a dor, latejando após cada parada suscitada pelos gemidos de dor da gostosa, roubando gemidos ainda mais intensos antes de enfiar o caralho ainda mais profundamente.

Apertava-lhe os peitões rosados com força, mordida-lhe a nuca, o ombro, e enfiava-lhe o caralho, até que a menina implorou que eu parasse:

— Já chega, chega, — falou ela baixinho enquanto eu me movia lateralmente movendo o pau de um lado para o outro.

— Peraí, deixa eu enfiar tudo — e fui metendo o bicho mais profundamente, ao mesmo tempo em que segurava o ombro da gostosa.

— Tudo não, gritou a menina — tudo eu não aguento.

— Cala a boca, gostosa, e arrebita esse rabo, disse enquanto dava-lhe uma enfiadona maior.

Os gemidos da gostosa ficaram mais intensos, e constante, beirando o choro, e me partindo o coração.

— Então eu vou tirar do seu rabo mas vou comer sua bocetinha, tá?

— Não, eu sou virgem aaaahhh...

Ao ouvir a negação cravei-lhe o ferrão! A gostosa gritou, me atijando ainda mais, me fazendo latejar intensamente dentro dela.

— Bocetinha, vai na bocetinha — disse a menina.

— Vai me dar a bocetinha? Conferi.

— Vou.

Fui tirando o pau devagarinho de dentro da moça, olhando seu belo corpo, suas formas, acariciando a gostosa, e me permitindo umas enfiadas adicionais conforme o tesão. Quando tirei o pau do rabo da moça joguei-a na cama com a boceta exposta pelas pernas abertas descaindo até o chão. Posicionei-me entre as pernas da gostosa e comecei a enfiar o caralho na moça que parecia desfalecida.

Apenas a cabeça tinha penetrado a gostosa quando ela despertou furiosa, enlouquecida, rosnando de forma estranha, alterando por completo a voz doce que eu conhecia e que me encantava. Como se possuída por algum espírito selvagem a gostosa tentou me morder, enquanto se agitava e me ameaçava.

— Seu safado, me solta, me larga.

Eu evitava suas mordidas com minha boca, aparava seus dentes com meus dentes, ao mesmo tempo em que tentava conter seus movimentos pélvicos selvagens. Enquanto tentava conter toda a fúria sub-repticiamente liberada, percebi que os movimentos pélvicos que a moça fazia com a finalidade de me empurrar e me afastar dela acarretavam a penetração cada vez maior do pau em sua boceta carnuda. Ela resfolegava, rosnava, ameaçava, tentava morder e me empurrava com a pélvis fazendo meu pau penetrar-lhe cada vez mais profundamente as entranhas. Permaneci fazendo uns movimentos muito suaves com o corpo e me defendendo com a boca, enquanto ela induzia uma penetração cada vez maior, até que senti algo como um pequeno estalo na cabeça do pau.

A sensação sutil foi sentida por ela com muito mais intensidade, levando-a a irromper em lágrimas. Dei uma enfiada suave um pouco maior e a abracei carinhosamente.

Voltando a ser a menina doce que era, ela vertia lágrimas abundantes em meu peito aconchegante, me abraçando como em um pedido de carinho.

Beije o rosto da gostosinha profusamente, e a acariciei até que as lágrimas cederam lugar a um sorriso sereno e eu pude ficar enfiando meu pau suavemente em sua boceta succulenta, comendo-a por inteiro, sorvendo-a. Depois de um longo vai e

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

